

## A TECNOLOGIA UTILIZADA NA EDUCAÇÃO PELOS PADRES JESUÍTAS NO BRASIL COLONIAL

***Celso Frederico Lago***

Especialização em Mídias na Educação. UNICENTRO. 2012.

E-mail: [celsolago@bol.com.br](mailto:celsolago@bol.com.br)

***Margareth de Fátima Maciel***

Professora Orientadora Doutora em Educação. UNICENTRO

E-mail: [margamaciell@gmail.com](mailto:margamaciell@gmail.com)

### RESUMO

Este artigo destina-se a mostrar como foram utilizadas as tecnologias educacionais pelos jesuítas no período colonial, aqui entendidas como ferramental utilizado para provocar mudanças de comportamento, crenças, hábitos e agregar conhecimentos aos alunos dos colégios da Companhia de Jesus. A Companhia de Jesus teve papel fundamental na formação da sociedade brasileira. Chegaram por aqui em 1549, catequizaram e trouxeram a civilização aos indígenas. A desorganização que era reinante na colônia tomou outro rumo com a chegada da Companhia de Jesus. Espalharam colégios por todas as capitânicas, foram os primeiros na educação dos negros, estudaram as línguas indígenas compilando-as em gramáticas e glossários. Utilizaram as mídias disponíveis na época com maestria. Como exemplo, podemos citar algumas: a música; o canto; o teatro; os livros; os sermões; os trabalhos manuais. A metodologia utilizada no trabalho foi de natureza descritiva. Do ponto de vista de seus objetivos, foi explicativa e do ponto de vista do procedimento técnico, foi bibliográfica.

**Palavras-chave:** jesuítas, tecnologia educacional, educação, Brasil colônia.

### ABSTRACT

This article intends to show how educational technologies were used by the Jesuits in the colonial period, here understood as a tool used to bring about changes in behavior, beliefs, habits and add knowledge to the students from the Company of Jesus colleges. The Company of Jesus had a key role in the formation of the Brazilian society. They arrived here in 1549, taught catechism and brought the civilization to the aboriginals. The imperative disorganization in colony took another route after the arrival of the Company of Jesus. They spread colleges for all captaincies, they were the firsts in the education of the blacks, they studied the aboriginal languages compiling them in grammars and glossaries. They had at the time used the available medias with mastery. As an example, we can mention a few: the music, the singing, theater, books, sermons; crafts. The methodology used in the study was descriptive in nature. From the point of view of your objectives, was explanatory and from the point of view of the technical procedure was literature.

**Key-words:** Jesuits, educational technology, education, Brazil colony.

## Introdução

### Técnica e Tecnologia Educacional

Segundo o Dicionário de filosofia de Abbagnano (1982, p. 904), a tecnologia é entendida como:

o estudo dos processos técnicos de um determinado ramo de produção industrial ou de mais ramos" (p. 906). Já a técnica, no mesmo dicionário, ... compreende todo conjunto de regras aptas a dirigir eficazmente uma atividade qualquer. A técnica, neste sentido, não se distingue nem da arte nem da ciência nem de qualquer processo ou operação para conseguir um efeito qualquer, e o seu campo estende-se tanto quanto o das atividades humanas.

Os objetos que utilizamos no dia-a-dia como utensílio, livros, giz, apagador, papel, canetas, lápis, gestual, a palavra e o exemplo prático, são formas diferenciadas de *ferramentas* tecnológicas, pois visam a uma transformação. No caso da educação, que é o foco deste artigo, visa a modificação dos hábitos do ser humano, para torná-lo um indivíduo melhor, mais bem preparado para enfrentar a vida cotidiana atribuindo-lhe conhecimento adequado, segundo as instituições e padrões morais vigentes a cada época.

Esta observação é importante para que não se façam ilações inerentes ao contexto educacional aceito e vigente no período dos jesuítas no Brasil. Quando falamos da maneira como utilizamos cada ferramenta para realizar determinada ação, referimo-nos à *técnica*. A *tecnologia* é o conjunto de tudo isso: as ferramentas e as técnicas que correspondem aos usos que lhes destinamos, em cada período histórico. Subentendidas essas breves definições, este artigo procurou demonstrar como os jesuítas utilizavam as tecnologias educacionais disponíveis na época para catequisar, educar e inserir o indivíduo na sociedade segundo seus padrões, àqueles que habitavam nossas terras nos idos do século XVI e XVII.

Por se tratar de pesquisa bibliográfica, tomamos por base diversos autores, utilizando em cada parte do texto, uma referência para explicitar os eventos que se sucederam historicamente e melhor apresentar os objetivos propostos.

## Breve Histórico

*"Devemos fazer as coisas como se tudo dependesse de nós, e esperar o resultado como se tudo dependesse de Deus."*  
Inácio de Loyola

Ao tratar da educação no Brasil colônia, é necessário, inicialmente, nos reportarmos aos acontecimentos que antecederam sua construção, pois foram fatos que marcaram o surgimento de uma nova época na história da humanidade e que, de certo modo, tem influenciado a educação no Brasil até o momento.

Um dos precursores desse processo foi Santo Inácio de Loyola.

Para descrever a biografia de Santo Inácio, utilizamos como referencial teórico o site *Breve História da Companhia de Jesus*<sup>1</sup> em:

Íñigo López de Loyola nasceu em 1491, no castelo da família perto de Azpeitia, Província de Guipúzcoa, Espanha.

Inácio foi um dos onze filhos de Beltrão Ibáñez de Oñaz e de Marina Sánchez de Licona, senhores de Loyola e pertencentes à nobreza da região basca. Entre os 16 e os 26 anos, esteve em Arévalo onde aprendeu a escrever, recebeu instrução militar, e assimilou o espírito de luta, de lealdade e de cortesia.

No dia 24 de maio de 1521, durante a batalha de Pamplona, capital de Navarra, uma bala de canhão passou pelo meio das pernas de Loyola, destroçando-lhe a perna direita e ferindo-lhe a esquerda. A partir deste incidente, a vida de Inácio de Loyola, mudou radicalmente. Compara-se essa mudança com a que sofreu São Paulo após ter se acidentado ao cair do cavalo. Durante o período de convalescença, Loyola começou a ler livros sobre a vida de Cristo e dos Santos, com os quais começou a se identificar. Essas leituras lhe traziam consolação, alegria e paz interior. Neste período começa a escrever seus "Exercícios Espirituais".

Em 1524 dirigiu-se à Barcelona e iniciou seus estudos em latim e humanidades, com o intuito de se preparar para os cursos de Filosofia. Em 1526 e 1527 Loyola frequenta cursos universitários em Alcalá e Salamanca. Entre 1528 e 1535 estuda na Universidade de Paris e segue praticando seus exercícios espirituais.

Em 1534, Inácio de Loyola, conheceu na universidade de Paris, Francisco Xavier ( que mais tarde seria canonizado como São Francisco Xavier), Simão Rodrigues, Pedro Favre, Diogo Laínez, Afonso Salmerón e Nicolau Bobadilha e resolvem fundar a Companhia de Jesus. Posteriormente juntam-se a esta empreitada, Cláudio Jay, Paschase Broët e João Codure. Em 1540, o Papa Paulo III oficializa a Companhia de Jesus através da bula *Regimini militantis Ecclesiae*.

Em 1548 Inácio de Loyola abriu o primeiro Colégio da Companhia, em Messina na Sicília. Este colégio foi a base de inspiração para todos os outros.

---

<sup>1</sup> [http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/momentos/jesuitas/\\_private/hj.htm](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/momentos/jesuitas/_private/hj.htm)  
acessado em: 26 de novembro de 2011

Os membros da Companhia de Jesus professavam votos de pobreza, castidade e obediência. Comprometiam-se a partir em missão para qualquer parte do mundo sempre que o Sumo Pontífice assim determinasse. O compromisso da companhia era a defesa dos princípios do catolicismo e obediência ao Papa. Os Jesuítas se obrigavam a propagar a fé através das obras de caridade, do ensino e dos exercícios espirituais. Na ordem jesuítica não havia penitências obrigatórias ou jejuns, ao contrário das outras ordens religiosas.

A Companhia de Jesus tinha um plano de estudos bem definido, a *Ratio Studiorum*, elaborada em 1552 que iria uniformizar a organização e funcionamento dos Colégios. A Ratio associava as finalidades religiosas às finalidades práticas e para isso utilizava como instrumentos pedagógicos o teatro, as festas, as disputas e debates. Para a Ordem, formar bons cristãos significava formar homens úteis, sábios e de bom julgamento. Os jesuítas elaboraram tratados, proferiram sermões, produziram cartilhas, manuais de confissão, textos hagiográficos (relato da vida e culto dos santos) em dialetos variados, contemplando desde a língua de índios brasileiros e da América Espanhola, até vocabulário utilizado por habitantes do Congo africano, da Índia, da China. As missões jesuíticas espalharam-se por vastas regiões do globo: Francisco Xavier chegou à Índia em 1542 e sete anos depois se encontrava no Japão, ano em que chegava a primeira missão jesuítica ao Brasil, liderada pelo padre Manoel da Nóbrega.

Inácio de Loyola faleceu em 1556. Foi beatificado em 1609 e canonizado em 1622 pelo Papa Gregório XV.

## **O Brasil em 1500**

Encontramos em Abreu (1998), uma breve descrição dos principais fatos que aconteceram a partir dessa data no Brasil, a fim de situarmos o trabalho realizado pelos Jesuítas.

Apresenta o autor que o litoral do Brasil estava ocupado, de norte a sul por povos indígenas. Estima-se que a população indígena à época estivesse em torno de 1 milhão de índios, distribuídos em 4 mil grupos e falando 1,3 mil línguas, sendo as principais o tupi-guarani, no litoral; o macro-jê, no cerrado; e o aruak, na Amazônia. Eles viviam em aldeias, plantavam mandioca e hortaliças, estavam, porém, divididos por ódios inconciliáveis em dois grupos: os tupiniquins e tupinambás. Os tupinambás há muito começaram a expulsar os tupiniquins para o interior e se consolidaram no litoral, embora em algumas regiões litorâneas ainda se encontrassem tupiniquins. Os tupinambás aliaram-se aos franceses e os tupiniquins aos portugueses. Durante anos o Brasil oscilou entre o domínio português e o francês.

Nos últimos anos do reinado de D. Manuel, começaram os protestos contra a presença dos franceses na colônia e com a ascensão de D. João III a situação agravou-se. Portugal enviou uma armada em 1527 comandada por Cristóvão Jaques, que combateu os franceses de maneira cruel, entregando-os, quando possível, aos índios antropófagos para serem canibalizados, sua selvageria não tinha limites e os prisioneiros eram vítimas de imensas torturas.

Os que aqui chegavam de além-mar, só queriam se dar bem, tomavam as índias como amantes e limitavam-se a comer os alimentos da terra.

Diante desta constatação, a corte resolveu enviar uma armada comandada por Martim Afonso de Souza juntamente com uma expedição povoadora. Em janeiro de 1531, esta armada aporta em Pernambuco e em poucos dias já apreende três naus francesas, mas é obrigado a retirar-se em virtude da resistência dos franceses. Em 1532 La Pèlerine, a feitoria francesa em Pernambuco é tomada e o Rei de Portugal autoriza a Martim Afonso a demarcar a costa, de Pernambuco ao rio da Prata, e doá-la em capitanias de cinquenta léguas, conforme citado no livro *Capítulos de História Colonial* de J. Capistrano de Abreu, pg. 46.

Martim Afonso continua então com sua missão de povoamento do Brasil e em 22 de janeiro de 1532 funda a primeira vila denominada São Vicente, numa ilha até então conhecida como Ilha de Gohayó. Em seguida funda Piratininga. Organizou estas vilas e ditou leis.

As capitanias, com o decorrer do tempo foram se mostrando de difícil administração e muitas delas começaram a ser abandonadas pelos seus donatários, quando não atingiam os lucros pretendidos. Estava havendo desordem e anarquia.

Assim sendo, em 1549 D. João III institui um novo regime para administração das capitanias e envia para a colônia, Tomé de Souza, o primeiro Governador Geral do Brasil, aporta na Baía de Todos os Santos em fins de março de 1549. Em companhia de Tomé de Souza vieram seis jesuítas, entre eles estava o padre Manuel da Nóbrega que iniciaria uma obra exemplar na história do Brasil.

José de Anchieta chegaria mais tarde em 03 de julho de 1553 com a esquadra de D. Duarte da Costa, segundo Governador Geral do Brasil.

### **Os Jesuítas e os recursos utilizados na educação**

A partir dos estudos realizados por Malheiros (1966) procuramos contextualizar a figura dos jesuítas no período colonial.

Iniciamos com o Padre Manuel da Nóbrega foi o chefe da companhia de Jesus enviada ao Brasil por Dom João III. Vinha com o objetivo de catequisar e educar para a vida, os gentios e demais habitantes da nova terra. Padre Nóbrega traz com ele toda a pedagogia desenvolvida pela Ordem e as técnicas necessárias para pô-la em prática nesta terra, por determinação real. Quinze dias após sua chegada é edificada a primeira escola elementar brasileira, em Vila Velha, que transferiu para Salvador quando esta foi fundada.

De março de 1549 até outubro de 1570, desenvolve o programa de “catequese e escola”, fundando colégios, seminários para as vocações religiosas ensinarem ofícios mecânicos para os índios, mamelucos e brancos.

Para que seu empreendimento tivesse sucesso, Padre Nóbrega lançaria mão das técnicas desenvolvidas pela ordem para melhor êxito na catequese e educação dos povos da colônia, todas calcadas na Ratio Studiorum e nos Exercícios Espirituais de Inácio de Loyola. Assim, a música, o teatro, os contos, os trabalhos manuais, a disciplina e a palavra seriam os instrumentos utilizados pela “catequese escola”.

Conhecer o uso e costume dos índios, sua língua e o que de mais perto tocava seus sentimentos seria fundamental para que o objetivo de catequisar os índios fosse alcançado com sucesso e esse seria o ferramental usado com maestria por Nóbrega.

Observou Nóbrega, que os indígenas pareciam educáveis e que a

melhor maneira de começar a empreitada seria pelas crianças. Os mais velhos ofereceriam resistências, porém, poderia afastá-los das bebedeiras e proibi-los de comer carne humana e quando possível inculcá-los a monogamia. Uma forma de torná-los acessíveis a essas mudanças seria ampará-los das violências cometidas pelos colonos e recompensá-los com coisas palpáveis, como respeito, alimentação, saúde e vestimentas. O tempo faria com que essas atitudes frutificassem.

A música e o canto foram tecnologias educacionais de sucesso, empregadas por Nóbrega para atrair os jovens indígenas, pois ele observou que estes ficavam sensibilizados e mostravam grande entusiasmo nestas atividades e ficavam impressionados com os aparatos das cerimônias religiosas. Juntamente com eles, conseguiu arrebanhar muitos índios adultos e inclusive colonos. Como podemos observar do relato abaixo:

Observando que os índios gostavam de dançar e cantar, desde cedo os padres usaram a música como instrumento catequético, julgando-a eficaz na transmissão da doutrina. Todos os religiosos que vieram para a Bahia com Nóbrega em 1549 eram cantores. Leonardo Nunes, regente. Além da missa, do “Padre Nosso” e da “Santa Maria” cantados, houve motetos, salmos e cantigas devotas adaptados aos indígenas. A música e o canto foram utilizados primeiramente na Bahia, depois em Piratininga. Em São Vicente, o Padre Antônio Rodrigues criou coros de flautas de curumins, meninos brasis, que em 1559 foram oficial missas cantadas em Salvador. Os meninos órfãos também dançavam e há notícia de que, avançando pelo sertão, entravam pelas aldeias de tribos classificadas como “bravas” dançando e entoando cantares da língua tupi. (*Manuel da Nóbrega – João Adolfo Hansen, pg. 99*)

O conhecimento da língua indígena foi outra tecnologia preponderante para a conversão dos gentios, pois nada mais significativo do que alguém falar e outro entender e neste aspecto, consta que o Padre João de Aspilcueta Navarro, que chegou ao Brasil juntamente com o Padre Anchieta em 13 de junho de 1553, chegou a pregar-lhes na língua indígena.

Nóbrega além de muito perspicaz, também era bom de logística. Todos os colégios Jesuíticos possuíam uma fazenda, onde eram aprendidos métodos de cultivo, manuseio do gado e colheita de alimentos para seu sustento... Na Baía de Todos os Santos estabeleceu as primeiras missões perto do mar, para que os índios pudessem se manter com suas pescarias e próximo às matas para poderem fazer seus mantimentos. Essas missões possuíam várias aldeias sujeitas a um só chefe reconhecido pelos padres, que também ali residiam e a tudo supervisionavam. Era assim a vida nas missões, conforme relato da época:

Ensinam-lhes os padres todos os dias pela manhã a doutrina, esta geral, e lhes dizem missa, para os que a quiserem ouvir antes de irem para suas roças; depois disso ficam os meninos na escola, onde aprendem a ler e escrever, contar e outros bons costumes, pertencentes à polícia cristã; à tarde tem outra doutrina particular a gente que toma o Santíssimo Sacramento. Cada dia vão os padres visitar os enfermos com alguns índios deputados para isso; e se têm algumas necessidades particulares, lhes acodem a elas; sempre lhes ministram os sacramentos necessários... O castigo que os índios têm é dado por seus meirinhos feitos pelos governadores e não há mais que quando fazem alguns delitos, o meirinho os manda meter em um

tronco um dia ou dois como ele quer; não tem correntes nem outros ferros da justiça..

Os padres incitam sempre aos índios que façam sempre suas roças e mais mantimentos, para que, se for necessário, ajudem com eles aos portugueses por seu resgate, como é verdade que muitos portugueses comem das aldeias, por onde se pode dizer que os padres da Companhia são pais dos índios, assim das almas como dos corpos. (ABREU, 1998)

Após a fundação do primeiro colégio na Bahia, foi fundado o segundo colégio pelo padre Leonardo Nunes e pelo irmão Diogo Jacome em 1549. No ano de 1554, Nóbrega institui o Colégio de Piratininga, dando origem a fundação da cidade de S. Paulo e incumbe o Padre Anchieta de continuar a construção do colégio. Anchieta aprende a língua Tupi e compõe a primeira gramática que seria intitulada "Língua Geral" e passa a ser o encarregado do ensino dos neófitos, como não havia livros, escreve as lições em cadernos e as distribui para cada aluno. Os jovens catecúmenos e os filhos dos colonos aprendiam os rudimentos das línguas portuguesa, brasileira, latina e espanhola.

Anchieta compunha baladas na língua Tupi, romances, músicas e nelas inspirava-lhes as virtudes e os horrores aos vícios. O amor pela religião passava a ser desenvolvido pelo natural pendor pela música, que tinham os índios. Os dias nos Colégios eram cheios de trabalhos manuais, que entretinham os alunos e evitavam a ociosidade. Era a tecnologia do manuseio usada no aprendizado, conforme relato:

Quase nenhuma arte, das necessárias para o comércio da vida deixam de fazer os irmãos: fazemos vestidos, sapatos, principalmente alpercatas de um fio, como cânhamo, que nós tiramos de uns cardos lançados na água, e curtidos, cujas alpercatas, pela aspereza das selvas e das grandes enchentes de água, é necessário passar muitas vezes por grande espaço até a cinta, e algumas vezes até o feito, barbear, curar feridos, sangrar, fazer casas e coisas de barro, e outras semelhantes coisas não se buscam fora, de sorte que a ociosidade não tem lugar nesta casa. (PINHEIRO, 1980)

Como já mencionamos anteriormente, o princípio educativo que embasava as atividades pedagógicas desses colégios estava consubstanciado no *Ratio Studiorum*, este tinha como característica fundamental no processo de ensino-aprendizagem a concepção mnemônica do ensino. Podemos ilustrá-los com algumas regras extraídas da *Ratio* na parte destinada às "Regras comuns aos professores das classes inferiores":

- Regra nº 19 – Exercício de memória recomendava que "os alunos recitem as lições de cor aos decuriões (...).Aos sábados recite-se em público o que foi aprendido de cor numa ou várias semanas; terminado um livro, poderão escolher-se alguns que da cátedra o recitem desde o princípio, não sem prêmio".
- Regra nº 25 – Repetição não deixava dúvidas quanto ao processo de estudo dos alunos para as aulas subsequentes: "do mesmo modo faça-se a repetição da lição do dia e da véspera" (Companhia de Jesus, 1952, p. 184-185).
- Regra nº 40 – Modo de castigar, que recomendava ao professor o seguinte procedimento disciplinar: "... não seja precipitado no castigar nem demasiado no inquirir; dissimule de preferência quando o puder sem prejuízo de ninguém; não só não inflija nenhum castigo físico (este é ofício do corretor) mas abstenha-se de qualquer injúria, por palavras ou atos; (...) ao Prefeito deixe os castigos mais severos ou menos costumados, sobretudo por faltas cometidas fora da aula,

como a ele remeta os que se recusam aceitar os castigos físicos...  
(Educação jesuítica e crianças negras no Brasil Colonial -  
Amarilio Ferreira Júnior e Marisa Bittar  
R. bras. Est. pedag., Brasília, v. 80, n. 196, p. 472-482, set./dez.  
1999).

A figura do corretor de castigos físicos era tradicional nos colégios jesuíticos. A tradição que instituiu a figura do corretor de castigos físicos na empresa educacional jesuítica remontava ao início da colonização do Brasil, conforme citado no artigo *Educação jesuítica e crianças negras no Brasil colonial*<sup>2</sup>

Mem de Sá, governador-geral do Brasil, numa carta de 1560 ao Rei de Portugal, D. Sebastião, referindo-se ao processo educativo das crianças indígenas e mamelucas, escreveu:

Também mandei fazer tronco em cada vila e pelourinho, por lhes mostrar que tem tudo o que os cristãos tem, e para o meirinho (corretor) meter os moços no tronco quando fogem da escola, e para outros casos leves, com autoridade de quem os ensina (os padres jesuítas) (SÁ, 1958, p. 172).

Disciplina era a palavra chave nos colégios jesuíticos e a vida ali se assemelhava a de um quartel, é o que nos leva a supor o texto abaixo:

o sino tocava antes do sol raiar e a missa era celebrada para todos. Depois da distribuição de papa de milho, as crianças a partir de sete anos iam para a escola. Ao redor do colégio se erguiam as oficinas dos artesãos. Os trabalhos começavam por volta das sete horas - mesmo horário no qual, cantando e portando piedosos estandartes, os lavradores partiam para a faina nos campos comunais, os Tupa'mbê (ou "terras de Deus").

Por volta das onze horas, pausa para o almoço. As tardes, em geral, eram dedicadas ao cultivo na terra da família, às aulas de música e latim e, é claro, à catequese. Ao pôr do sol, todos se recolhiam. (BUENO, 2010)

O projeto arquitetônico refletia claramente este ambiente monástico e militante: eram duas centenas de alojamentos dispostos num plano rigidamente geométrico ao redor de uma igreja imponente. Mas os alojamentos não eram coletivos: dentro deles, cada família tinha sua cela individual, já que uma das principais lutas dos padres era contra a poligamia.

Nóbrega em 1561 avalia os resultados desse ensino e relata que os moços índios que abandonavam a escola e voltavam para suas tribos no mato pelo menos não tornavam a comer carne humana e censuravam os pais e os parentes que o faziam. No mato, tiravam a roupa católica e ficavam nus, mas demonstravam vergonha de ir à igreja pelados. Outros jovens, porém, não abandonavam a escola e aprendiam ofícios manuais, como a ferraria, a fundição, a tecelagem, a carpintaria, a marcenaria, a olaria e outros, ensinados pelos padres.

As escolas jesuítas não se limitaram ao ensino das primeiras letras, foram muito além. Possuíam cursos de Letras e Filosofia, Teologia e Ciências Sagradas, para a formação de sacerdotes. O currículo dessas escolas estava organizado da seguinte maneira:

---

<sup>2</sup> publicado na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, por Amarilio Ferreira Jr e Marisa Bittar. v. 80, n. 196, p. 472-482, set./dez. 1999)

Curso	Nível	Conteúdo
Letras e Filosofia	Secundário	Gramática latina, humanidades e retórica, lógica, metafísica, moral, matemática e ciências físicas e naturais
Teologia e Ciências	Superior	Ciências sagradas

### Marquês de Pombal e os Jesuítas

O modelo educacional dos jesuítas funcionou de 1549 até 1759, quando ocorreu a sua expulsão pelo Marquês de Pombal.

Portugal, à época, encontrava-se decadente frente às potências europeias e Lisboa tinha sofrido um terremoto devastador e precisava se reerguer. Os interesses da Companhia de Jesus faziam frente aos interesses de Pombal, que queria uma escola para servir aos interesses do estado e não mais aos interesses da fé e, além disso, os jesuítas e outras ordens religiosas que também atuavam na colônia, começaram a representar um poder paralelo em relação a Coroa, como citado abaixo:

A maior autonomia das ordens dos franciscanos, mercedários, beneditinos, carmelitas e principalmente jesuítas resultou de várias circunstâncias. Elas obedeciam a regras próprias de cada instituição e tinham uma política definida com relação a questões vitais da colonização, como a indígena. Além disso, na medida em que se tornaram proprietárias de grandes extensões de terra e empreendimentos agrícolas, as ordens religiosas não dependiam da Coroa para sua sobrevivência. (FAUSTO, 2012, p. 57)

Após essa decisão, o que se viu em termos educacionais foi um desmantelamento da estrutura existente e o estabelecimento do caos educacional, motivado pela falta de um planejamento prévio em termos de educação para a colônia, que viesse a substituir o até então vigente. Como demonstra Bello:

Através do alvará de 28 de junho de 1759, ao mesmo tempo em que suprimia as escolas jesuíticas de Portugal e de todas as colônias, Pombal criava as aulas régias de Latim, Grego e Retórica. Criou também a Diretoria de Estudos que só passou a funcionar após o afastamento de Pombal. Cada aula régia era autônoma e isolada, com professor único e uma não se articulava com as outras.

Portugal logo percebeu que a educação no Brasil estava estagnada e era preciso oferecer uma solução. Para isso instituiu o "subsídio literário" para manutenção dos ensinamentos primário e médio. Criado em 1772 o "subsídio" era uma taxa, ou um imposto, que incidia sobre a carne verde, o vinho, o vinagre e a aguardente. Além de exíguo, nunca foi cobrado com regularidade e os professores ficavam longos períodos sem receber vencimentos a espera de uma solução vinda de Portugal.

Os professores geralmente não tinham preparação para a função, já que eram improvisados e mal pagos. Eram nomeados por indicação ou sob concordância de bispos e se tornavam "proprietários" vitalícios de suas aulas régias. (BELLO, 2001)

## Conclusão

Os jesuítas através de suas *Constituições* e *Ratio*, forneceram as ferramentas necessárias para a educação na colônia, instituindo valores, criando cultura e foram bastante criativos em sua pedagogia e ainda trouxeram o conhecimento científico para as salas de aula.

Finalizando, o texto abaixo sintetiza a ação dos jesuítas no período colonial:

Esses Jesuítas foram edificadores de casas, igrejas, colégios, até cidades: Bahia, S. Paulo, Rio são fundações deles, em grande parte. Em vinte anos, vemos as palhas que eram a igreja e o colégio da Bahia reconstruídas em taipa, chegarem à pedra e cal, antes da cantaria da Catedral, no Terreiro de Jesus; Piratininga saiu de onde era, para se tornar São Paulo, em torno do Colégio dos Padres, que das alturas de um oiteiro dominava as várzeas do Tietê e do Anhangabaú. Foram médicos, e a medicina, ou o remédio; enfermeiros assistiam aos abandonados e enterravam os mortos... Os Jesuítas Portugueses foram a nossa Providência, ao nascer o Brasil. (PEIXOTO, 1944, p. 99-100)

Em relação às tecnologias existentes como o teatro, a música, a retórica e os discursos dos jesuítas impressionavam e conquistavam especialmente os índios para a escola. Esses instrumentos serviam também para os colégios superiores. O aperfeiçoamento dessas técnicas acontece como fruto do próprio processo de evolução e constituição da sociedade. O catecismo foi um recurso muito utilizado, nessa época, e que, posteriormente foi substituído pela cartilha e atualmente pelo livro didático.

Vemos que, em qualquer época da história encontramos determinados recursos técnicos para desenvolver as atividades pedagógicas e não podemos generalizar afirmando que, apenas os recursos mais recentes podem ser considerados tecnologia, mas toda e qualquer ferramenta produzida com saber científico para determinado fim, pode ter, em sua constituição, elementos que pertencem à sua evolução.

Desse modo, entendemos que a contribuição dos Jesuítas, ao processo educativo foi bastante significativa uma vez que proporcionou acrescentar ao discurso, outros aspectos mais práticos.

## REFERÊNCIAS

ABREU, J. C. de. **Capítulos de História Colonial**. Brasília: Biblioteca Básica do Senado Federal, 1998.

BELLO, J. L. de P. **Educação no Brasil** – a história das rupturas. Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb14.htm> Acessado em 04 de novembro de 2011.

BREVE História da Companhia de Jesus. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/momentos/jesuitas/private/hj.htm> Acessado em: 26 de novembro de 2011.

BUENO, E. **Brasil: uma história** – cinco séculos de um país em construção. São Paulo: Texto, 2010.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. São Paulo: USP, 2010.

LISBOA, J. F. **Crônica do Brasil Colonial** – apontamentos para a história do Maranhão. Petrópolis: Vozes, 1976.

MALHEIROS, A. M. **Escravidão no Brasil**. Rio de Janeiro: Nacional 1866.

MEMORIAL do Rio Grande Do Sul. **Santo Inácio de Loyola e o exército de Cristo**. Disponível em: <http://www.memorial.rs.gov.br/cadernos/loyola.pdf> Acessado em novembro de 2011.

PEIXOTO, A. **História do Brasil**. São Paulo: Nacional, 1944.

PINHEIRO, C. F. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Cátedra, 1980.

PORTAL São Francisco. Disponível em: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/companhia-de-jesus/jesuitas-no-brasil-1.php> Acessado em 28 de novembro de 2011.

REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS. Brasília: MEC. v. 80, n. 196, set./dez. 1999. P. 472-482.

Educação jesuítica e crianças negras no Brasil Colonial Amarilio Ferreira Júnior e Marisa Bittar

Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/172/171>